AS MANIFESTAÇÕES DE RUA EM JUNHO DE 2013

Angélica Lyra de Araújo*

"Os limites impostos ao prazer excitam o prazer de viver sem limites" (frase pichada por estudantes franceses durante o maio de 1968)

Resumo: A intenção desse estudo é refletir historicamente sobre como transcorreram as manifestações de junho de 2013, no âmbito nacional. Tratamos como os analistas interpretaram essas ondas de protestos e levantamos algumas hipóteses que serão desenvolvidas ao longo do texto. Como primeira hipótese desenvolvemos a ideia de que os acontecimentos de junho foram uma explosão de indignação contra o governo em geral; contra o sistema político, os atores políticos, os procedimentos e própria cultura política. Isso nos leva a indagar: Será que todos esses descontentamentos se formaram em razão dos procedimentos políticos dos governantes e lideranças políticas e/ou se inscrevem numa cultura política negadora de qualquer percepção positiva da vida política? A segunda hipótese nos leva a refletir no intuito de perceber que o movimento baseou-se em demandas sociais não contempladas pelo governo. Neste caso, questionamos o distanciamento das políticas públicas das necessidades dos brasileiros. Por que o governo não enxerga a situação precária em que se encontram os brasileiros? O que há por detrás da aclamação ecoada pelos direitos sociais expressos nas ruas? A terceira possibilidade é ver que os jovens, num clima eufórico, participaram do movimento como festa, como um happening, num espírito revolucionário, característica peculiar deles. Mas, será os jovens tendem a ser realmente rebeldes? Como quarta e última hipótese pensamos nas redes sociais, sobretudo, no papel político que tiveram o uso do twitter e do facebook, que em tempo real transmitiram protestos, como uma ferramenta de comunicação e de reivindicação sociais, inaugurando um espaço público de debates. Será que os espaços das redes sociais podem conduzir à vivência de valores democráticos e de participação política? Assim sendo, as manifestações são formas de socialização, utilizadas como meio de interação e de articulação entre a juventude, com total autonomia, independentemente dos interesses dos partidos políticos, de estado, pois foi nesse espaço que os jovens convocaram e motivaram as pessoas para que participassem dos protestos, na busca pela justiça social. Este contexto permite-nos pensar em algumas questões: Será que as redes sociais configuram uma nova cultura de participação política? Qual o papel social que as redes digitais tiveram nas manifestações? Por que as demandas discutidas no mundo virtual foram transferidas para as ruas? Os protestos amplamente amparados nas mídias puderam contribuir para uma politização dos cidadãos ou configuram apenas mais um espetáculo midiático? As respostas dessas questões assinalam que a juventude está buscando outros canais de participações, a fim de serem compreendidos não na singularidade, mas sim na pluralidade de jovens inseridos num contexto de um sistema político que carece de uma reforma capaz de efetivamente atender as demandas de todas as faixas etárias.

Palavras chave: Manifestação de Junho. Juventude. Política.

^{*} Doutoranda do Programa de Pós-Graduação na UNESP/FLCAR; Colaboradora do LENPES (Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de Sociologia/UEL), do projeto de pesquisa "Juventudes no Ensino Médio: um estudo sociológico em escolas públicas da região de Londrina"; Bolsista do CNPq. Contato: <a href="https://linear.nc.ni/linear.nc.

Abstract: This study proposes a reflection on the demonstrations of June 2013 at the national level. We address how analysts have interpreted these waves of protests and raise some hypotheses. The first hypothesis develops the idea that the June events were an outburst of indignation against the government in general: against the political system, political actors, procedures and the political culture itself. This leads us to ask: all these protests arose due to political government processes and political leaders and / or are they part of a political culture that negates any positive perception of political life? The second hypothesis leads us to realizing that the movement might have been based on social needs not covered by the government. In this case, we question the distancing of public policy needs of Brazilians. Why does the government not see the precarious situation of the population? What lies behind the acclaim echoed by social rights expressed in the streets? The third possibility is to see that young people, in a euphoric mood, participated in the movement as a party, as a happening, a revolutionary spirit, a peculiar characteristic of them. However, do young people tend to be really rebellious? The fourth and final hypothesis addresses social networks, especially the political role played by Twitter and Facebook, transmitting the protest in real time, as a tool for communication and social claim, inaugurating a public space for debate. Can social networks lead to the experience of democratic values and political participation? In this case, the demonstrations are forms of socialization, used as a means of interaction and coordination between the youngsters, with full autonomy, regardless of the interests of political parties or state, for it was in this space that young people called and motivated others to participate in the protests in the quest for social justice. This context allows us to think of some issues: Do social networks constitute a new culture of political participation? What was the social role of digital networks in the demonstrations? Why were the demands discussed in the virtual world transferred to the streets? Do protests widely supported by the media contribute to a politicization of citizens or are they just another media spectacle? The answers to these questions indicate that young people seek other channels of participation in order to be understood not in their singularity, but the plurality of youth in a context of a political system that needs a reform capable of effectively meeting the demands of all age groups.

Keywords: June 2013 demonstrations. Youth. Politics.

Para refletir sobre a onda de manifestações dos jovens nas ruas deste junho de 2013, faz-se necessário recorrer à memória histórica e relembrar importantes acontecimentos registrados no nosso país. Neste contexto, a *Folha de São Paulo*, em 1984, trazia em sua página a seguinte notícia:

[...] mais de um milhão de pessoas em silêncio, mãos entrelaçadas, braços para cima. Ao sinal do maestro Benito Juarez, da Orquestra Sinfônica de Campinas, a multidão cantou o Hino Nacional. Do céu caía papel picado, papel amarelo, a cor das diretas, brilhantes à luz dos holofotes. No Vale Anhangabaú, muita gente chorou (FOLHA DE SÃO PAULO, 17 abr. 1984, s/p).

Personalidades políticas, oposicionistas ao regime militar, como Leonel Brizola, Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, Lula, Fernando Henrique Cardoso, entre outros, participaram da manifestação com cerca de 300 mil pessoas no comício que entrava para a história como o primeiro entre tantos que levariam diversas pessoas, inclusive os jovens, membros do Movimento Estudantil, fortalecidos mais tarde, pela UNE (União Nacional dos Estudantes), para as ruas em defesa do voto direto para a presidência da República.

Os movimentos sociais e demais setores organizados da sociedade não mediram esforços para conseguir respostas para suas reivindicações. Mas será possível fazer alguma relação com os jovens desse momento histórico, com os jovens presentes nas ruas em junho de 2013?

Na obra *O Poder Jovem*, de Arthur José Poerner (1979), temos algumas pistas. Para o referido autor, a uma tradição do protagonismo juvenil tem relação com a participação dos jovens estudantes na vida <u>pública, pois o</u>s registros históricos de 1937¹, apon-1 Os dados históricos revelam que ocorreu na Casa do Estudante do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1937 o 1º Congresso

tam os estudantes à frente em debates políticos, sob a liderança do Movimento Estudantil, cuja origem está totalmente vinculada ao governo e na sequência com a legalização da UNE (União Nacional dos Estudantes), em 1942, quando encerra a primeira fase de sua existência, e, mesmo despejada da Casa do Estudante, sua sede, inicia um movimento de oposição ao governo e sofre intervenção política.

A década de 1960 foi considerada um marco de contestação e indignação dos jovens estudantes contra o autoritarismo imposto pelo governo. Através do Centro Popular de Cultura (CPC), da UNE os jovens expressaram suas críticas, expressando-se por meio de filmes, músicas, teatro, etc. Tínhamos jovens nas ruas e nas universidades reivindicando direitos, liberdade, educação pública de qualidade, e na luta pela defesa do patrimônio nacional, logo pelo regime democrático.

Nesse período, mais especificamente no ano de 1968, em várias partes do mundo, como na França, nos Estados Unidos, os jovens se fizeram presentes nas ruas, expressando seus descontentamentos com a situação política e econômica dos seus países. No caso brasileiro, as insatisfações se expressaram na "Passeata dos 100 mil", que reuniu intelectuais, artistas, padres, professores, entre outros, na zona conhecida como Cinelândia, no centro do Rio de Janeiro, num protesto contra a ditadura militar e resposta à intensa repressão aos estudantes que ocorreu na Semana Sangrenta [de 19 a 21 de junho], no Rio de Janeiro, em consequência do assassinato do estudante Edson Luís de Lima, durante confronto com a Polícia Militar.

Jovens estudantes também contestaram contra o Regime Militar nas ruas, nos teatros, nas letras de músicas e lutaram contra a falta de democracia

Nacional de Estudantes, dando origem a UNE, que teve o apoio do poder público. No ano seguinte os representantes estudantis participaram do 2º Congresso Nacional de Estudantes e o "presidente Vargas, [...] foi aclamado presidente de honra do conclave, enquanto os interventores estaduais recebiam o título de componentes da Comissão de Honra e os ministros de Estado e reitores, o de membros honorários (POERNER, 1979, p.127).

imposta pelo regime autoritário. Com o Ato Institucional número 5, decretado pelo presidente Costa e Silva, em dezembro de 1968, os jovens foram perseguidos e muitos até mortos. O Movimento Estudantil entrou na clandestinidade, mas a luta política continuou também na década seguinte. Em 1980, tínhamos sinais de democratização do país e o fim do aparato autoritário e repressor, que, ao longo de vinte anos, privou as pessoas da liberdade e da cidadania. Era o movimento das 'Diretas Já, que também reivindicava eleições presidenciais diretas.

Em 1985, houve a abertura política do país e a aprovação da Lei Federal 7398/85, que garantia a legalidade do Movimento Estudantil e a autonomia dos estudantes de primeiro e segundo graus (hoje ensino médio). Assim, a escola foi e é ainda considerada um espaço que favorece uma formação mais crítica e a atuação do jovem na sociedade.

Segundo o historiador Napoli (2013), enquanto as jornadas de junho de 2013 tenham transcorrido num contexto baseado em valores democráticos e a 'passeata dos cem mil', de junho de 1968, num regime ditadorial, elas tinham algumas similaridades, pois,

havia [em 1968] uma certa insatisfação dos estudantes com as carreiras profissionais, havia a Guerra do Vietnã, e no ano anterior aconteceu a morte de Che Guevara. Mas principalmente havia a ideia muito forte do socialismo como alternativa ao capitalismo (NAPOLI, apud GAZETA DO POVO, 23 jun. 2013, s/p).

Nesse caso, o que chama a atenção para os dizeres de Napoli (2013) é que embora, essas duas mobilizações sejam distintas, foram similares no desencadeamento de impacto nos meios de comunicação, que por sua vez problematizou a vida política, pois tanto a passeata dos 100 mil e as de junho de 2013, foram respostas da sociedade à atuação violen-

ta da polícia, e o próprio descontentamento das pessoas pode ser entendido como uma crítica também na forma de governar.

Outra semelhança constatada por Napoli (2013) é o cenário internacional, já que há 45 anos, mais precisamente em maio de 1968, houve manifestações em várias partes do mundo, envolvendo jovens e trabalhadores, e no caso de 2013, também tivemos mobilizações na Europa e na Turquia contra os procedimentos adotados pelos seus representantes políticos.

Depois de quase 30 anos, em agosto de 1992, tivemos os 'Caras-Pintadas', movimento popular contra o presidente Fernando Collor de Melo, cujo *slogan* de campanha era 'Caçador de Marajás'. Milhares de estudantes, identificados mais tarde como a geração 'cara-pintada' e vestidos de verde e amarelo, ocuparam as ruas, com grito ensurdecedor 'Fora Collor', pedindo o seu afastamento por causa de denúncias e evidências de corrupção que envolviam seu governo, assim,

[...] a Câmara dos deputados recebeu um pedido de afastamento do presidente assinado pelo presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), pelo presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), pelo presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e pelo presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE). O Congresso deu início então a uma CPI para apurar os acontecimentos. No dia 29 de setembro de 1992 cerca de 100 mil pessoas acompanharam a votação do impeachment de Collor em torno do Congresso, o qual foi aprovado tendo 441 votos favoráveis e apenas 38 contrários. Fernando Collor correu para renunciar e não perder seus direitos políticos, mas era tarde. Mesmo renunciando, o presidente foi caçado e impedido de concorrer em eleições

por muitos anos. Era a conquista do movimento Fora Collor que representou grande pressão exercida pela população em todos os níveis. O juiz-forano e vice-presidente Itamar Franco assumiu a presidência e terminou o mandato em vigor (JUNIOR GASPARETTO, 2014, s/p).

contra si determinadas condenações na esfera eleitoral, administrativa ou criminal. A lei dispõe de 14 hipóteses de inelegibilidades que sujeitam aqueles que nelas se enquadram a oito anos de afastamento das urnas como candidatos" (TSE, 2014, s/p).

Há exatamente 22 anos que os jovens caras-pintadas, sem acesso às redes sociais de hoje, expressavam nas ruas sua indignação contra a corrupção. Seu rosto expressava sua identidade, diferentemente dos jovens presentes nas ruas em junho de 2013, pois muitos hiperconectados, mesmo pedindo transparência no governo, escondiam sua face com máscara de sorriso irônico em forma de 'V'², que, na nossa interpretação, pode simbolizar uma geração que clama nas ruas por uma política que garanta os direitos sociais.

No mês de maio de 2010 houve uma mobilização de assinaturas a favor da Lei Ficha Limpa. Mais de 1,3 milhão de brasileiros participaram do abaixo-assinado em favor da Lei da Ficha Limpa, que propõe a inelegibilidade de políticos condenados criminalmente. A Lei da Ficha Limpa é

resultado de ampla mobilização popular e aprovada pelo Congresso Nacional em 2010, a Lei da Ficha Limpa (Lei Complementar nº 135/2010) será pela primeira vez aplicada em uma eleição geral, a de 2014 [...] foi sancionada no dia 4 de junho de 2010 e fortaleceu as punições aos cidadãos e candidatos que burlaram a lisura e a ética das eleições ou que tenham

Em 2013, um ano antes do país sediar a Copa do Mundo, na Copa das Confederações, em Brasília, quase 80 mil torcedores vaiaram a presidente Dilma, por conta dos investimentos públicos, em razão do superfatutamento em obras públicas e dos escândalos de corrupção no seu governo. Este fato foi considerado, publicamente, como uma das primeiras manifestações de descontentamento das pessoas e teve ampla repercussão internacional. O jornal espanhol *El País*, que escreveu um texto, com o tema: "Por que o Brasil, e agora?", faz os seguintes questionamentos:

Por que surge agora um movimento de protestos como os que já estão quase de volta em outros países do mundo, quando durante dez anos o Brasil viveu como se estivesse anestesiado por seu êxito aplaudido mundialmente? O Brasil está pior hoje que há dez anos? [...] Não, está melhor. Pelo menos está mais rico, tem menos pobres e o número de milionários está crescendo. É mais democrático e menos desigual (apud FOLHA DE LONDRINA, 18 jun. 2013, p.05).

O jornal *El País* se mostra indignado pelas vaias à presidente, uma vez que os torcedores representavam a classe média e pagaram 400 dólares pelo ingresso, e se pergunta "como podem jovens, que normalmente não dependem do transporte público, porque já possuem carro para sair às ruas, protestar contra a alta das tarifas de ônibus" (apud FOLHA DE LONDRINA, 18 jun. 2013, p.05).

[&]quot;[...] personagem do filme V de Vingança, de 2006 [...]. V luta contra o regime totalitário e usa a violência em nome da causa. Foi inspirado em um personagem real: Guy Fawkes, soldado católico que participou da conspiração que pretendia explodir, em 1605, o Parlamento inglês — com o rei protestante e todos os parlamentares juntos" (GAZETA DO POVO, 26 jun.2013).

Como resposta, o título do próprio jornal dá o seu parecer dizendo: "os pobres chegados à nova classe média tomaram consciência de haver dado um salto qualitativo na esfera do consumo e agora querem mais" (apud FOLHA DE LONDRINA, 18 jun. 2013, p.05). Por detrás dessa resposta, podemos nos questionar: qual é está nova classe média? Por que essa classe tomaria consciência somente em relação ao consumo?

O site *Le Monde* publicou o seguinte título: "Crise no transporte provoca agitação social no Brasil". As imagens divulgadas foram de um intenso confronto entre a polícia, empenhada em dispersar os manifestantes que se aproximavam do estádio do Maracanã. A presidente Dilma ficou constrangida diante das vaias recebidas, pois,

Dentro do recinto, a presidente Dilma Rousseff se esforçou para conter sua raiva quando foi anunciada, no microfone, a abertura oficial da 9ª edição do torneio, que será realizada em seis etapas diferentes. Seu nome, anunciado pelo presidente da Fifa, Joseph Blatter, da Suíça, que estava de pé ao lado dela, foi recebido por uma enorme vaia por longos segundos (apud FOLHA DE LONDRINA, 18 jun. 2013, p.05).

O relato abaixo descreve a opinião de um londrinense que estava presente na abertura da Copa das Confederações e nos dá mais detalhes. Vejamos:

Estava no Estádio Nacional Mané Garrincha e presenciei a sonora e uníssona vaia que ecoou intensamente pela arena brasiliense. Foi um momento constrangedor diante de autoridades e torcedores estrangeiros, mas necessário para mostrar que o modelo petista de governar está esgotado. A insatisfação dos brasileiros que lá estavam demons-

tra que os índices de aprovação da presidente é manipulado. Aliás, ela não merecia ser apupada sozinha; o seu criador, que se vangloria de eleger "postes", também é responsável. E não adianta culpar a elite, o povo já está protestando nas ruas. **Ludinei Picelli** (administrador de empresas) (FOLHA DE LONDRINA, 18 jun. 2013, p.02).

Durante os jogos da Copa das Confederações, nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília e Fortaleza, iniciaram próximo aos locais dos estádios, fortes protestos, controlados pela reação violenta da polícia contra os manifestantes.

No mês de junho de 2013, foram registradas, em 354 cidades do Brasil, mobilizações nas ruas centrais. Muitas pessoas ocuparam as ruas. Mas, quais foram as motivações? O que mais uma vez incomodava as pessoas e as conduziram para as ruas? O que fez com que este movimento nas ruas fosse diferente dos outros, como as de 1984 e 1992?

As motivações iniciais eram contra as insatisfações dos usuários com os dos transportes coletivos e com a fragilidade dos serviços prestados. Com o apoio do Movimento do Passe Livre³, as manifestações se espalharam ganhando proporções gigantescas.

Nobre (2013) explica que em 1984 os protestos não eram somente em favor das eleições diretas. Eram também pela transição democrática. Em 1992, não objetivaram somente afastar o presidente Collor. Havia um declínio significativo na taxa de crescimento econômico e uma precarização dos serviços públicos.

³ De acordo com a carta de princípios do movimento, que o define como "um movimento horizontal, autônomo, independente e apartidário, mas não antipartidário. A independência do MPL se faz não somente em relação a partidos, mas também a ONGs, instituições religiosas, financeiras etc [...] A via parlamentar não deve ser o sustentáculo do MPL, ao contrário, a força deve vir das ruas (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 08 out. 2014).

Foram, portanto, movimentos significativos com debates em torno da ética na política e contra a corrupção, mesmo sendo de natureza distinta, sobretudo no seu formato de organização, pois diríamos que, "em 1984, o movimento foi convocado e liderado por forças de oposição ao regime (partidos, sindicatos, movimentos sociais). Em 1992, foi liderado pela União Nacional dos Estudantes (UNE) e apoiado pelos mais diferentes setores da sociedade" (NOBRE, 2013, p. 05).

O Brasil é considerado um dos países com maior índice de desigualdade e com alta carga tributária. A falta tanto de transparência nos gastos públicos, com assalto aos cofres públicos quanto de implementação de políticas públicas,, mais do que nunca justificou a ida para as ruas contra o sistema político vigente, que,

[...] deixou de ser movido pela real polarização de ideias e de projetos. Estagnando e amorfo, sobrevive acomodado sob o amparo de arranjos fisiológicos e de interesses escusos, os quais, repetidamente, vêm a público sob a rubrica de desmandos e corrupção. A polarização que se vê entre os partidos é meramente postiça; [...]. Força de inércia e oposição passiva coroam o nosso sistema político, deixando distante a força utópica da democracia sonhada e pensada nas Diretas Já (BANNWART JÚNIOR, 2014, p.02).

Essas foram as razões que justificaram a ocupação dos manifestantes. O Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE, 2013a), na intenção de compreender e buscar informações sobre as manifestações iniciadas, em junho de 2013, realizou, no período de 19 a 20 de junho, no território brasileiro, mais especificamente em 79 municípios, 1008 entrevistas com a população a partir de 16 anos.

Ao serem entrevistados pelo IBOPE, as pessoas apontaram como reais motivações: o transporte

público, a política, a saúde e na sequência, a Proposta de Emenda Constitucional (PEC 37/2011), os gastos com a Copa⁴, e a educação. Entretanto, nas modalidades das questões espontâneas, a política e a corrupção estavam entre as mais citadas pelas pessoas. Fica evidente que a indignação das pessoas "não se voltou contra um governo em particular, mas contra todos os governos: contra o sistema político, seus atores, seus procedimentos e sua cultura" (NOGUEIRA, 2013, p. 20).

Isso nos leva a pensar primeiramente como hipótese, que a presença das pessoas nas ruas foi uma explosão de indignação contra o governo em geral, contra o sistema político, seus atores, o modo de fazer política e, principalmente, com a cultura política que se mostra ainda incapaz de promover profundas alterações em suas bases. A cultura política pode influenciar o pensar/agir dos jovens na política? Como se articularam os jovens nas ruas? A presença dos jovens foi significativamente expressiva nas ruas?

Quanto a isso, Vianna (2013) ressalta,

A hora da política está chegando e, com ela, a da remoção das instituições e práticas nefastas que a têm degradado, tal como nesta forma bastarda de presidencialismo de coalizão sob a qual se vive, engessando a moderna sociedade brasileira no passado e no anacronismo destes novos coronéis da vida republicana (VIANNA, ESTADÃO, 2013, s/p).

A cultura política está permeada de práticas e

⁴ Desde 2007, quando foi anunciada a realização da Copa no Brasil em 2014, têm-se levantado críticas a respeito dos altos investimentos do governo brasileiro na construção de estádios, enquanto precariamente cumpre com suas responsabilidades fundamentais e básicas da população brasileira. De acordo com Castells (2013), a Copa do Mundo no Brasil "converteu-se num negócio mafioso de corrupção em grande escala, do qual participam empresas de construção, federações esportivas nacionais e internacionais, e administrações públicas de diversos níveis, utilizando em boa medida fundos públicos sem controle de contas" (p.179).

o Estado já não corresponde às demandas de seus cidadãos; com isso abre-se um hiato entre a sociedade e o Estado. Consequentemente, as pessoas passam a desconfiar e a descrer dos três poderes, provocando estremeção nos meios políticos.

Foi o que aconteceu com as reivindicações não só contra as tarifas do transporte coletivo⁵, a falta de qualidade no serviço público, na saúde e na educação,mas também contra a Copa do Mundo e as Olimpíadas de 2016.

As ruas revelavam uma profunda intolerância contra tantos desmandos e desvios de conduta dos representantes políticos, demonstrando a insatisfação e o cansaço diante de tanta corrupção. É por essa razão que Martins (2013, s/p) escreve o seguinte;

[...] eleição, no Brasil, tem sido uma renúncia, a vontade política do povo sequestrada pelos eleitos e pelos partidos, que raramente representam o eleitor de vontades e carências, representando muito mais os grupos de interesse que o instrumentaliza. O poder do lobismo junto aos parlamentares e ao governo confirma essa distorção. O sistema político brasileiro tornou-se um sistema de silenciamentos e cumplicidades. [...] Partidos e movimentos sociais organizados ignoram ou desqualificam as interpretações que não venham de seus próprios quadros. Não há debate. Criou-se no Brasil o mero teatro da participação política e a real exclusão da diversidade e das demandas sociais emergentes, as que não foram capturadas pelo sistema de conivências, cumplicidades e temores. Um extenso silêncio acumula, na verdade, um elenco extenso de demandas sociais não reconhecidas nem pelo governo, nem pelos partidos, nem pelos grupos de mediação que fecharam os canais de comunicação entre o povo e o poder (2013, s/p).

Apesar de todos os vícios que comprometem o processo democrático e a cultura política, Nobre (2013) acredita que ela ainda está muito mais avançada do que o sistema político, pois a presença das pessoas nas ruas permitiu que o próprio sistema levasse um 'choque' e assinalasse o fim da fase de redemocratização, dando origem ao novo ciclo de democratização.

Se olharmos para as revoltas de junho, não há unidade. Não é organizada por nenhum partido, movimento social de massa, por sindicato, por ninguém. Não há palanque. Pela primeira vez temos um protesto que não tem essa unidade forçada, que caracterizou esse processo de redemocratização brasileiro. Não falo em unidade, falo em traço de união das diversas revoltas porque elas têm isso em comum: ser um processo contra um sistema [...]. Não tem mais unidade e isso significa que acabou nosso processo de redemocratização. Isso é bom. As forças políticas estão juntas na rua, mas são, às vezes, incompatíveis, e estão ali também para disputar o sentido desse movimento (NOBRE, JORNAL DA UNICAMP, 2013, s/p).

As manifestações difusas por todo o território nacional revelam, contudo, o desejo da abertura de canais de comunicação entre seus agentes: sociedade e o sistema político. Isso é evidente no discurso de posse realizado do dia 01 de janeiro de 2015, quando a presidente reeleita Dilma Rosseuff coloca como primeira e importante meta: o diálogo. Em outras palavras, "[...], em primeiro lugar, abertura e disposi-

⁵ Sobre isso ver a entrevista concedida ao programa Roda Viva, da TV Cultura, no dia 17 de junho de 2013, pelos representantes do Movimento Passe Livre, Lucas Monteiro de Oliveira e Nina Capello. Disponível em: http://tvcultura.cmais.com.br/roda-viva/roda-viva-entrevista-lideres-do-movimento-passe-livre. Acesso em: 20 nov.2014.

ção ao diálogo. Esta presidenta aqui está disposta ao diálogo, e é este o primeiro compromisso do meu segundo mandato: diálogo" (REDE BRASIL ATUAL, 2015, s/p). Interrogamos: Como estabelecer mecanismos de diálogo, se vivenciamos uma representação política permeada de velhos esquemas e conchavos?

Outra interpretação hipotética está baseada nas reflexões de Martins (2013); ele nos dá pista de que a multidão nas ruas revela uma inquietação social. Na sua compreensão, são aqueles que não foram cooptados e representam uma outra ordem social, por causa das inúmeras demandas sociais não reconhecidas pelos governantes. Os vinte centavos representaram inúmeras carências de exigências no cumprimento de leis, logo de direitos sociais, que devem vir antes de qualquer investimento exorbitante, como se viram na Copa das Confederações e na Copa do Mundo. E acrescenta;

Os manifestantes questionaram a política de pão e circo. Fizeram a crítica ruidosa da política de coalizão e cumplicidade, do Estado fragmentado e loteado, dos favorecimentos, do toma lá dá cá, do poder pelo poder. A rua disse aos poderosos que o poder é do povo, que o mandato é representação política e não privilégio de casta, é temporário e precário [...] a nova revolta do vintém colocou no centro do processo político brasileiro a fome de palavra e a fome de direitos sociais. Trata-se de uma nova pobreza, a pobreza de direitos, nos abusos que reduziram o transporte público a uma punição, a educação a uma condenação à falta de destino e de futuro, a saúde pública a uma doença (MAR-TINS, 2013, s/p).

As pessoas, nas ruas, esterçavam seus problemas cotidianos, a carência dos quesitos básicos: saúde, educação, segurança e transporte público. Exigiam, portanto, seus direitos constitucionais e que os impostos fossem destinados à efetivação de serviços

esse sistema político deteriorado está claramente presente na crítica contida nos descontentamentos destes dias. Uma grande massa de silenciados no cotidiano encontrou uma brecha para gritar suas diversificadas e desencontradas demandas e manifestar sua crítica do poder e dos governos (MARTINS, 2013, s/p).

De modo geral, os jovens manifestantes estavam exigindo uma reforma do sistema político, de maneira espontânea sem liderança ou palanque, o que os diferenciava dos movimentos contestatórios já existentes na nossa história. Eles foram para as ruas chamando a atenção contra todas as mazelas sociais ocasionadas por práticas políticas conhecidas nos 'ismos', (paternalismo, patrimonialismo, personalismo, clientelismo, favoritismo, nepotismo, entre outros).

E mais, nas campanhas eleitorais, os eleitores são tratados como consumidores e "não como detentores do poder político. Consumidores de um produto marcado por vícios que os impede de ter a vantagem anunciada [...]" (REIS, 2013, p.30), razão por que denunciam um sistema político viciado e corporativo e de uma elite distante dos interesses das demandas dos cidadãos. Sáber (2013) nos explica:

O processo do levante pacífico brasileiro, a espetacular progressão geométrica das manifestações [...] foi disparado a partir das condições econômicas de certo impasse do presente, da crise generalizada de confiança na política do país e da percepção, que vai se tornando clara, de que os grandes jogos da corrupção brasileira, que atravessam inteiramente a política democrática formal, se dão em detrimento da melhoria e aspectos simplesmente necessários à vida (p. 03).

A presença dos manifestantes nas ruas teria sido, assim, uma forma de repudiar a corrupção, os desvios de verbas públicas, a compra e venda de votos, o distanciamento do sistema político da sociedade, o que desqualifica a democracia e evidencia a crise de confiança nas instituições governamentais, ou seja, "os órfãos de políticas sociais foram às ruas, cercaram os palácios e querem já uma revisão do poder e da concepção de poder (MARTINS, 2013, s/p).

Para Rosana Schwartz (apud TRIGUEIROS; MOURA, 2014, p. 12), "todos, sem exceção, querem alimentar o sentimento que chamamos de 'happening', o que significa 'estar fazendo algo', movido por uma crise de representação." A cada nova manifestação se viam novos grupos aderindo ao coro dos descontentes, celebrando. A isso muitos, mais tarde, chamariam de "festa de democracia".

Poderíamos pensar uma terceira hipótese, a saber, todo este movimento nas ruas foi provocado por um clima de euforia, caracterizado pela possibilidade de mudança e de debates sobre os problemas brasileiros. Esta ideia dialoga com a concepção de que os jovens tendem a ser rebeldes, pois Zaneti (2001) diz:

Nesta etapa da vida há uma potencialidade latente 'disponível' que pode ser mobilizada em diferentes direções, por diferentes motivações. Parece que a associação da condição de jovem e estudante torna essa potencialidade mais 'palpável', mais presente e mobilizável. Essa potencialidade se manifesta mais frequentemente como revolta e pode ser mais facilmente canalizada quando o objetivo que se busca é 'contra' (p.52)

O entusiasmo das mobilizações dos jovens aponta para uma geração, que, ao buscar a sua própria identidade, potencializa a luta por direitos, demonstrando, com poder, uma atitude rebelde em relação à política vigente. Todavia nos questionamos:

Os jovens tendem a ser conservadores ou negadores da ordem? O que revelam as ruas? A indignação dos jovens também se expressa nas eleições?

Todos, por um motivo ou outro, ali se faziam presentes e se viam no seu direito de exercer a sua soberania popular e expressar seus questionamentos e indignação. Sobre isso, refere Nogueira (2013),

As vozes das ruas disseram muitas coisas e ainda precisaremos de um tempo para decifrá-las de forma plena. Algumas coisas, porém, foram ditas em alto e bom som. A principal delas foi: "queremos um futuro que vocês — políticos, partidos, governantes — estão nos impedindo de ter. Queremos participar da construção dele, e vocês estão atrapalhando" (BLOG NOGUEIRA, 25 jun.2013).

O secretário geral da presidência da República, ministro Gilberto Carvalho, reconheceu que o governo e os movimentos sociais aliados ficaram perplexos com os protestos do ano passado e alerta para a necessidade de ouvir as ruas e com ela dialogar:

[...] não podemos ter medo, temos de romper barreiras, nos aproximar e conversar [...] o problema, para infelicidade da direita, é que esse gosto do mais e do mais não cabe na cartilha do sistema; a explosão dessa demanda de direitos não cabe no sistema capitalista e nos marcos daquilo que é hoje o mundo globalizado em seus sistemas de produção, distribuição e consumo (CARVALHO apud OGLIARI, 2014, p. 04).

Para o ministro Carvalho, as políticas de distribuição de renda e estímulo ao consumo, por exemplo a de produtos básicos como geladeiras e equipamentos domésticos, não foram acompanhadas na mesma proporção dos debates sobre o modelo de desenvolvimento político e social. Sendo assim, "é evidente que, junto com melhor emprego e melhores salários, vem a

consciência de novos direitos [...] depois dessas conquistas, muitos brasileiros perceberam que têm direitos e passaram a reivindicá-los" (CARVALHO apud OGLIARI, 2014, p. 04).

De certo modo, Vianna (2013) também trata das demandas sociais decorrentes das novas configurações das classes sociais e de seu processo de mobilidade social em relação ao capitalismo. Portanto, os protestos, revelam,

Os interesses e as ideias de cada qual são díspares, desencontrados uns dos outros, como seria de esperar numa sociedade que não mais reflete sobre si, que destituiu a política da sua dignidade e converteu os partidos políticos em instrumentos sem vida, máquinas eleitorais especializadas na reprodução política dos seus quadros (VIANNA, 2013, ESTADÃO, p. 02).

Nesse contexto, o ministro tentou, como estratégia política, justificar tais manifestações dando a entender que foi mérito dos governos petistas a aquisição pela de novos direitos, razão da elevação do nível de consumo. Para ele, é natural que quem conquista direito, passa a reivindicar sempre mais, sobretudo os direitos sociais.

É, portanto, imprescindível decifrar o cenário político para compreender as inquietações dos jovens nas ruas. Por isso, indagamos: Os jovens das escolas públicas estavam presentes? O que pensavam sobre o movimento? O que reivindicavam?

No primeiro momento das manifestações algumas esferas do governo, ficaram perplexas, ou seja,

perguntando-se com quem deveria negociar. Acossado pelas ruas, saiu em busca de uma organização hierárquica, com lideranças e reivindicações claras, com quem poderia debater, de maneira tecnocrática, planilhas de custos e leis orçamentárias. Não encontrou. Não entendeu, nem podia entender o que acontecia (NOBRE, 2013, p. 07).

Prossegue ainda o ministro: "houve quase que um sentimento de ingratidão", chegando a dizer "fizemos tanto por essa gente e agora eles se levantam contra nós" (ibid. p.03). Apesar desse sentimento, o governo viu-se obrigado a dialogar com as novas realidades sociais surgidas nas ruas.

A presidente Dilma Rousseff, após as manifestações populares, retomou o debate da reforma política e propôs um plebiscito em 2014, sobre o financiamento de campanhas eleitorais, coligações partidárias, horário eleitoral gratuito, voto secreto no Congresso, entre outros, mas não obteve o consenso dos parlamentares sobre como seria a votação da Reforma Política e, mais uma vez, a ideia de plebiscito ficou esquecida.

Para Martins (2013), o descontentamento dos manifestantes não se resolveria com o plebiscito, pois "convocar um plebiscito para votar as políticas a serem adotadas em relação aos problemas levantados agora pelas multidões pode ser um sinal de fraqueza e insegurança. O plebiscito já foi feito, nas ruas" (2013, s/p).

Contudo, as manifestações inauguraram uma nova forma de articulação mediante as redes sociais⁶, sobretudo, pelo *Facebook* e pelo *Twitter*: Elas fazem parte do cotidiano dos jovens e possibilitaram inúmeras interações de amizade e de relacionamento, afi-

^[...] o sistema político ficou atônico,

⁶ De acordo com Pujol; Rocha e Sampaio (2014) "rede social é o conjunto de pessoas ou organização que partilham valores e objetivos comuns através de alguma plataforma de mídia social" (p.11).

nal "as pessoas se interajam e se articulem política e culturalmente, no sentido de que tomar decisões e interagir sejam ações divulgadas de qualquer parte do mundo de maneira descentralizada, isto é, horizontal" (SANTOS & SANTOS, 2014, p.20). As redes sociais são espaços que permitem exposição, difusão e trocas de ideias sobre os mais variados temas e, principalmente, são de ambientes capazes de fazer/saber da política.

São, portanto, "novos tipos de movimentos democráticos – de movimentos que estão reconstruindo a esfera pública no espaço de autonomia constituído em torno da interação entre localidade e redes de internet" (CASTELLS, 2013, p. 177). As redes sociais, caracterizadas pela sua capacidade de ser técnica-científica-informacional não têm limites de fronteiras, podendo ser consideradas instrumento de poder e de lutas por melhorias.

Na perspectiva de Castells (2003), as redes podem ser entendidas como um meio dos jovens se organizar em ações coletivas capazes de exercer influencias e propor medidas que contemple os aspectos políticos e culturais da nossa sociedade, ou seja, "as redes levam à formação de comunidades *on-line* que têm o poder de reivindicar direitos" (CASTELLS, 2003, p.07). Todo o mal-estar registrado pelas redes sociais permitiu que se saísse da esfera virtual para o real, com a presença de milhares de jovens nas ruas.

Há, portanto, um novo tipo de comunicação, e as manifestações foram organizadas pelas redes sociais, o que dá um novo caráter aos movimentos políticos. Esta seria, então, uma quarta hipótese, visto que a comunicação não é mais centralizadora, mas horizontal, capaz de provocar a interatividade humana e, ainda, de "se tornaram tribunas eloquentes do assunto, de onde se propaga a insatisfação, onde se afina o discurso – muitas vezes radical – e onde a mobilização ganha corpo" (MOURA; TRIGUEIROS, 2014, p. 09).

Assim sendo, as manifestações são formas de socialização, utilizadas como meio de interação e de articulação entre a juventude, com total autonomia, independentemente dos interesses dos partidos políticos, de estado, pois foi nesse espaço que os jovens convocaram e motivaram as pessoas para que participassem dos protestos, na busca pela justiça social.

Este contexto permite-nos pensar em algumas questões: Será que as redes sociais configuram uma nova cultura de participação política? Qual o papel social que as redes digitais tiveram nas manifestações? Por que as demandas discutidas no mundo virtual foram transferidas para as ruas? Os protestos amplamente amparados nas mídias puderam contribuir para uma politização dos cidadãos ou configuram apenas mais um espetáculo midiático?

Referências bibliográficas

ABRAMO, Helena Wendel. BRANCO, Pedro Paulo Martoni. In: _____. *Retratos da juventude brasileira* – análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

ABRAMOVAY, Miriam; ESTEVES, Luiz Carlos. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos. (orgs) *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Coleção Educação para Todos. 1ªed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco 2007, p.19-54.

BANNWART JÚNIOR, Clodomiro José. 30 anos das 'Diretas Já'. Espaço Aberto. *Folha de Londrina*. 25 jan. 2014. p.02.

CASTELLS, Manuel. Redes de Indignação e Esperança. Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999, v.01.

_____. *A galáxia da internet:* reflexão sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

FOLHA OPINIÃO. Afinal, o que querem os jovens? *Folha de Londrina*. 26 jan. 2014, p.02.

FOLHA DE LONDRINA. Pesquisa realizada no período de 01 jun. 2013 à 30 jun. 2013. Londrina, Paraná.

FOLHA DE SÃO PAULO. Escândalo na Petrobrás. Entenda a operação Lava Jato, da Polícia Federal. 14 nov.2014. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/11/1548049-entenda-a-operacao-lava-jato-da-policia-federal.shtml. Acesso em: 19 jan.2015.

GAZETA DO POVO. *Pesquisa realizada no período de 01 jun. 2013 à 30 jun. 2013*. Londrina, Paraná.

_____. *Onze crises marcaram os últimos treze anos.* Disponível em:http://www.gazetadopovo.com.br/vidapublica/conteudo.phtml?tl=1&id=1254074&-tit=Onze-crises-marcaram-os-ultimos-treze-anos. 13/05/2012. Acesso em: 20 out.2014.

HÁ 45 anos, jovens também faziam megamarcha. *Gazeta do Povo*, 23 jun. 2013. Disponível em: http://www.gazetadopovo.com.br/vidapublica/conteudo.phtml?id=1384541. Acesso em: 22 set.2014.

IBOPE. Pesquisa de opinião pública sobre as Manifestações. Brasil. Junho de 2013a. Disponível em: http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Documents/JOB_0948_BRASIL%20-%20Relatorio%20de%20 tabelas.pdf. Acesso em: 16 jun. 2014.

IBOPE. Pesquisa completa do Ibope sobre os manifestantes. Disponível em: http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/veja-integra-da-pesquisa-do-ibope-sobre-os-manifestantes.html. Junho de 2013b. Acesso em: 24 jun.2014.

IDEAS, Scup. A semana em protestos: dados das mídias sociais. Disponível em: http://ideas.scup.com/pt/especiais/a-semana-em-protestos-dados-das-midias-sociais/. Acesso em: 25 jun.2014.

IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Paranaense. *Caderno Estatístico*. Município de Londrina. Dezembro 2013.

ISTO É. O que os jovens pensam sobre a política.

N° 2336. 29 ago.2014. Disponível em: http://www.istoe.com.br/reportagens/380009_O+QUE+OS+JO-VENS+PENSAM+SOBRE+A+POLITICA. Acesso em: 28 nov.2014.

JORDY, Arnaldo. A juventude toma conta das ruas. *Política Democrática - Revista de Política e Cultura*. Brasília/DF: Fundação Astrogildo Pereira. Ano XII. Nº 36, 2013, p.24-25.

JORNAL DE LONDRINA. Pesquisa realizada no período de 01 jun. 2013 à 30 jun. 2013. Londrina, Paraná.

MACARINI, Walmor. 'Rolezinhos' e o poder da periferia. Espaço Aberto. *Folha de Londrina*. 30 jan. 2014, p. 02.

MADEIRA, Felicia, (1986). Os jovens e as mudanças estruturais na década de 70: questionando pressupostos e sugerindo pistas. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 58.

MANNHEIM, Karl, (1968). O problema da juventude na sociedade moderna. In: *Sociologia da Juventude*. Rio de Janeiro: Zahar. v. 1

_____. (1982). O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, M. Karl *Mannheim*. São Paulo: Ática. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

MARICATO, Ermínia. *Cidades Rebeldes:* passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MARTINS, José Souza de. Revolta do vintém. Opinião. *Estadão*. Disponível em: http://www.estadao.com.br/colunistas/jose-de-souza-martins,#colunistas. 30 jun. 2013. Acesso em: 19 mar.2014.

_____. O variável humor das ruas. Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/geral,o-varia-vel-humor-das-ruas,1170841. *Folha Estadão*, maio 2014. Acesso em: 22 set. 2014.

MISCHE, ANN. De estudantes a cidadãos. Redes de jovens e participação política. *Revista Brasileira de Educação*. Mai/Jun/Jul/Ago 1997 n°5 Set/Out/Nov/Dez 1997 n°6. p.134-150.

MOURA, Lúcio Flávio; TRIGUEIROS, Marian. Protestos de rua entram em debate. *Folha de Londrina*. 26 jan. 2014, p. 09.

MOVIMENTO Passe Livre. *Carta de princípios do Movimento Passe Livre*. 2007. Disponível em: http://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/carta-de-principios/. Acesso em: 25 jun.2014.

MÜXEL, Anne. Jovens dos anos noventa. À procura de uma política sem 'rótulos' *Revista Brasileira de Educação*. Mai/Jun/Jul/Ago 1997 n°5 Set/Out/Nov/Dez 1997 n°6. p.151-166.

NOBRE, Marcos. *Choque de democracia* – razões da revolta. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. *Imobilismo em movimento*. Da abertura democrática ao governo Dilma. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. *As ruas e a democracia*. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira (FAP). Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

_____. Possibilidades da Política. Perguntas a partir do Roda Viva. 25 jun. 2013. Disponível em: http://marcoanogueira.blogspot.com.br/2013/06/perguntas-partir-do-roda-viva.html. Acesso em: 19 jan. 2015.

PAIS, José Machado. *A construção sociológica da juventude:* alguns contributos. *Análise Social*. v. XXV, 1990.

POERNER, Arthur J. O Poder Jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

PUJOL, Antoni F. T. I; ROCHA, Fernando G.; SAM-PAIO, Fernando S. dos. Manifestações populares no Brasil atual: sociedade civil em rede e reivindicações sobre o poder político. *XIII Colóquio Internacional de Geocrítica*: El control del espacio y los espacios de control. Barcelona, 5-10 mayo 2014, p.01-21. Disponível em: http://www.ub.edu/geocrit/coloquio2014/ Antoni%20Francesc%20Tulla%20i%20Pujol.pdf. Acesso em: 30 set. 2014.

REIS, Márlon. *O gigante acordado*. Manifestações, Ficha Limpa e Reforma Política. Rio de Janeiro: LeYa, 2013.

REDE BRASIL ATUAL. Em discurso da vitória, dilma prega diálogo e reforma política com participação popular. Disponível em: http://www.redebrasilatual.com.br/eleicoes-2014/em-discurso-da-vitoria-dilma-prega-dialogo-e-reforma-politica-com-participacao-popular-3634.html. Acesso em: 19 jan.2015.

ROUSSEFF, Dilma. Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de lançamento do Marco Regulatório da Mineração. Brasília-DF, 18 de junho de 2013a. Palácio do Planalto Presidência da República. Disponível em: http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-lancamento-do-marco-regulatorio-da-mineracao-brasilia-df. Acesso em: 16 jun.2014.

_____. Pronunciamento da Presidenta da República, Dilma Rousseff, em cadeia nacional de rádio e TV. Brasília-DF, 21 de junho de 2013b. Disponível em: http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/discursos-da-presidenta/pronunciamento-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-em-cadeia-na-cional-de-radio-e-tv. Acesso em: 16 jun. 2014.

R7 NOTÍCIAS. Queda de jovens eleitores reflete descrédito da política, dizem cientistas políticos. Disponível em: http://noticias.r7.com/eleicoes-2014/queda-de-jovens-eleitores-reflete-descredito-da-politica-dizem-cientistas-politicos-30072014. 30/07/2014. Acesso em: 30 nov.2014.

SÁBER Ab'Tales. Protestos em questão: as manifestações e o direito à política. Folha Opinião. *Folha de São Paulo*. 26 jun.2013, p.03.

SÃO PAULO faz o maior comício. *Folha de São Paulo*. 17 abr.1984. Acervo on line. Disponível em: http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil_17abr1984. http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil_17abr1984. http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil_17abr1984.

SANTOS, Manuel Joaquim R. dos. Os descontentes nas ruas. Espaço Aberto. *Folha de Londrina*. 29 jun. 2014, p. 02.

SANTOS, José E. dos; SANTOS, Valmaria L. C. da. Geografia dos protestos e meio comunicacional: redes sociais digitais e manifestações populares. Geografia dos protestos e meio comunicacional. *Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais*, v.02, nº02, 2013. Disponível em: http://www.revista.ufpe.br/revistamseu/index.php/revista/article/view/50/0. Acesso em: 25 set. 2014.

SANTOS, R. Diálogos com as esquerdas militantes. *IV Seminário Interdisciplinar em Sociologia e Direito/Faculdade de Direito* (UFF), Niterói, 14-15 out. 2014.

SOUZA, José D. Silva de. Do capital social ao espa-

ço econômico. In: BAQUERO, Marcello & CREMO-NESE, Dejalma (orgs). *Capital social*. teoria e prática. Ijuí: Ed. Uniijuí, 2006. p. 127-158.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. As Insurgências Juvenis e as Novas Narrativas Políticas Contra o Instituído. *Cadernos de Pesquisa*, PPGSP - UFS Nº 32, fev. 2003.

OGLIARI, Elder. Protestos deixaram governo 'perplexo'. *Folha de Londrina*. Folha Política. 25 jan. 2014, p. 04.

TRIBUNAL Superior Eleitoral (TSE). Lei da Ficha Limpa será aplicada nas eleições gerais pela primeira vez. 22 de janeiro de 2014. Disponível em: http://www.tse.jus.br/noticias-tse/2014/Janeiro/lei-da-ficha-limpa-sera-aplicada-nas-eleicoes-gerais-pela-primeira-vez. Acesso em: 05 mar. 2014.

TRIGUEIROS, Marian; MOURA, Lúcio Flávio. Protestos têm direção certa. *Folha de Londrina*. *26* jan. 2014, p. 12.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Estatística do Eleitorado. Disponível em: http://www.tse.jus.br/eleitor/estatisticas-de-eleitorado/estatistica-do-eleitorado-por-sexo-e-faixa-etaria. Acesso em: 10 out.2014.

UNESCO. 11º Relatório de monitoramento global de educação para todos. Educação para todos em 2015. Um objetivo acessível?. São Paulo: Moderna 2009. Disponível em: http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001871/187129por.pdf. Acesso em: 05 mar. 2014.

UNICAMP. Pesquisadores analisam manifestações. Campinas: Universidade de Campinas. 27 set. 2013. Disponível em: http://www.unicamp.br/unicamp/clipping/2013/09/27/pesquisadores-analisam-manifestacoes. Acesso em: 30 set. 2014.

UOL ELEIÇÕES 2012. Adolescentes bagunçam política em cidade no Paraná e abrem espaço para segundo turno. Disponível em: http://eleicoes.uol.com.br/2012/uol-pelo-brasil/2012/09/20/adolescentes-baguncam-politica-em-cidade-no-parana-e-abrem-espaco-para-segundo-turno.htm. Acesso em: 30 nov.2014.

VIANA, Luiz W. O movimento da hora presente. *Estadão Opinião*. Disponível em: http://opiniao.estadao.com.br/noticias/geral,o-movimento-da-hora-presente-imp-,1043763. Acesso em: 22 set. 2014.

VOMMARO, Pablo. La disputa por lo público en América Latina. *Nueva Sociedad*, nº 251. Mayo-junio 2014, p. 55-69. Disponível em: http://nuso.org/revista.php?n=251. Acesso em: 30 jun. 2014.

ZANETI, H. *Juventude e Revolução:* uma investigação sobre a atitude revolucionária juvenil no Brasil. Brasília: Edunb, 2001.